QUEM ACOLHE QUEM ACOLHE? O CUIDADO COM O EDUCADOR NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA DA PRIMEIRA INFÂNCIA

MARIA VALGNEIDE OLIVEIRA DE ALMEIDA

RESUMO

O presente artigo, intitulado “Quem acolhe quem acolhe? O cuidado com o educador na educação inclusiva da primeira infância”, discute a importância do acolhimento e do cuidado voltado ao educador da Educação Infantil, especialmente no contexto das práticas inclusivas. Considerando que o professor é o principal mediador das experiências educativas e afetivas das crianças, o texto destaca a indissociabilidade entre o cuidar e o educar, conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A pesquisa reflete sobre como a ausência de espaços institucionais de escuta e apoio emocional ao educador pode comprometer sua saúde mental e a qualidade das interações com as crianças. Defende-se, portanto, a necessidade de promover uma cultura de cuidado e valorização docente, reconhecendo o professor como sujeito sensível, ativo e essencial para a construção de uma educação infantil inclusiva, humanizadora e transformadora.

PALAVRAS-CHAVES: Educação Infantil. Inclusão. Acolhimento. Cuidado docente. Valorização do educador.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Educação Infantil tem conquistado crescente reconhecimento como a primeira e uma das mais importantes etapas da Educação Básica. Esse avanço é fruto da consolidação do direito à educação desde o nascimento e da compreensão de que os primeiros anos de vida são decisivos para o desenvolvimento integral do ser humano. No entanto, o ingresso cada vez mais precoce das crianças nas instituições de ensino trouxe novos desafios à prática docente, ampliando as responsabilidades e a complexidade do papel do educador da primeira infância.

O professor da Educação Infantil não é apenas um transmissor de conteúdos, mas um mediador de experiências, emoções e descobertas. É aquele que observa, acolhe, interpreta e acompanha cada gesto e expressão das crianças, ajudando-as a construir significados sobre o mundo. No contexto da educação inclusiva, esse papel ganha ainda mais relevância, pois exige uma escuta atenta, sensibilidade e empatia para lidar com as diferenças e as singularidades de cada criança. Cuidar e educar, nessa perspectiva, tornam-se dimensões inseparáveis de uma mesma ação pedagógica.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforçam que o trabalho docente deve estar pautado no princípio da indissociabilidade entre o cuidar e o educar. Isso significa reconhecer que o cuidado também é educativo, e que toda ação pedagógica envolve atenção, afeto e responsabilidade pelo bem-estar das crianças. O professor da Educação Infantil, portanto, atua como mediador entre o desenvolvimento emocional, cognitivo, social e físico dos pequenos — uma função que exige não apenas formação teórica, mas também equilíbrio emocional e apoio institucional.

Contudo, apesar de sua importância inquestionável, o educador da primeira infância nem sempre encontra nas instituições o mesmo acolhimento que oferece às crianças. Muitas vezes, é cobrado a ser sensível, paciente e disponível, sem que lhe sejam oferecidos espaços de escuta, descanso ou reflexão. A ausência de políticas voltadas para o cuidado com o professor gera sobrecarga, adoecimento e sentimentos de isolamento. Diante disso, é fundamental questionar: quem acolhe quem acolhe?

A docência na Educação Infantil, especialmente na perspectiva inclusiva, requer um tipo de envolvimento que ultrapassa as dimensões técnicas do trabalho. O professor está constantemente imerso em relações humanas intensas, em que o afeto é parte constitutiva do processo de ensino e aprendizagem. No entanto, quando o educador não é reconhecido em sua integralidade — como sujeito que também sente, se emo-

ciona e precisa ser cuidado —, a qualidade desse trabalho é comprometida. O acolhimento, portanto, não pode ser entendido apenas como uma ação dirigida às crianças, mas como uma cultura institucional que deve abranger todos os envolvidos no processo educativo.

Refletir sobre o cuidado com o educador é, portanto, um ato político e ético. A saúde emocional e o bem-estar do professor são condições essenciais para a construção de uma educação infantil inclusiva e humanizadora. Cuidar de quem cuida é reconhecer que o professor é parte viva da escola, sujeito de direitos, emoções e aprendizagens. O educador que é acolhido tende a acolher melhor, fortalecendo o vínculo entre cuidar, educar e incluir.

Diante dessa realidade, este artigo, intitulado "Quem acolhe quem acolhe? O cuidado com o educador na educação inclusiva da primeira infância", propõe refletir sobre a necessidade de uma cultura de acolhimento também voltada aos educadores. Busca-se compreender como o cuidado institucional e emocional pode contribuir para o fortalecimento das práticas inclusivas e para a valorização docente.

Para isso, propõe-se:

- Analisar o papel do educador da infância nas práticas de inclusão e acolhimento;
- Discutir a indissociabilidade entre o cuidar e o educar nas políticas e documentos oficiais;
- Compreender os impactos da falta de acolhimento emocional e institucional na vida dos educadores;
- Apontar caminhos e estratégias que promovam o cuidado com o educador e o fortalecimento das práticas pedagógicas inclusivas.

Assim, ao discutir o cuidado com o educador como parte constitutiva da prática pedagógica, pretende-se reafirmar que uma escola verdadeiramente inclusiva é aquela que acolhe a todos — crianças e adultos —, reconhecendo que o ato de ensinar é também um ato de cuidar. Afinal, o educador só consegue acolher genuinamente quando também é acolhido, ouvido e valorizado em sua trajetória profissional e humana.

O CUIDAR E O EDUCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PROFESSOR COMO FIGURA CENTRAL E SUAS MÚLTIPLAS DEMANDAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A Educação Infantil, é a primeira etapa da Educação Básica, representa um espaço privilegiado de construção das bases emocionais, cognitivas e sociais das crianças. Dentro deste contexto, o educador assume papel primordial, sendo o elo que conecta o cuidar e o educar em um único movimento pedagógico. A prática docente na primeira infância exige sensibilidade, escuta e envolvimento constante, uma vez que o professor é quem acolhe, ensina e cria vínculos afetivos, tornando-se referência afetiva e simbólica para os pequenos.

Historicamente, o cuidado foi compreendido como uma ação assistencial, enquanto o ato de educar se associava à transmissão de conhecimento. No entanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) (2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) consolidaram a compreensão de que cuidar e educar são dimensões indissociáveis do trabalho pedagógico. Cuidar é também educar, pois toda ação que envolve atenção, afeto e escuta intencional contribui para o desenvolvimento integral da criança. Educar, por sua vez, envolve o cuidado em todas as suas formas, já que a aprendizagem só se realiza plenamente quando há segurança emocional e vínculos estabelecidos. O caderno ser docente na educação infantil do MEC sinaliza como é,

Importante dimensão de nossa reflexão refere-se ao reconhecimento das crianças, inclusive dos bebês, como sujeitos de direitos. Mais especificamente, sujeitos de direito à educação pública, que ocorre em ambientes coletivos, fora dos espaços privados familiares, desenvolvida por profissionais capazes de articular experiências ricas e enriquecedoras. Para isso, a compreensão das funções e do papel social e político que a professora da Educação Infantil desempenha e pode desempenhar em nossa sociedade, ao lado do profundo conhecimento das crianças com as quais trabalha, é de fundamental importância na concretização desse direito.

Essa compreensão do educador como figura

essencial no desenvolvimento das crianças torna ainda mais evidente a complexidade do trabalho na Educação Infantil. O professor não apenas garante a efetivação do direito à educação, mas também atua como mediador das experiências que dão sentido ao cotidiano escolar. Ele observa, interpreta, acolhe e organiza o ambiente de forma a permitir que as crianças possam explorar, criar e aprender em um espaço de segurança e confiança. É um trabalho que requer presença constante, sensibilidade e disponibilidade emocional, pois as crianças pequenas se desenvolvem em grande parte por meio das relações afetivas que constroem com os adultos que as cuidam e educam.

Na contemporaneidade, porém, as múltiplas demandas do cotidiano escolar têm se tornado um desafio significativo para o educador da infância. A inserção de crianças cada vez mais novas nas instituições de ensino, aliada à diversidade de contextos familiares e sociais, faz com que o professor precise lidar com uma ampla variedade de situações. Entre elas, estão o atendimento a crianças com deficiências, transtornos do desenvolvimento e outras necessidades educacionais específicas, o acompanhamento de processos de adaptação e socialização, além do compromisso com o planejamento pedagógico e a documentação das aprendizagens. Oliveira (2007 p. 245) explica que,

Hoje, considera-se que as crianças com necessidades educativas especiais são, antes de tudo, crianças e devem conviver com as outras em ambientes cotidianos com sua complexidade habitual, e não mais ser mantidas isoladas e interagindo em um mesmo pequeno grupo por muitos anos, o que leva a modificar muito pouco suas habilidades e conhecimentos.

Essa concepção reforça a importância de um ambiente escolar inclusivo, em que todas as crianças, independentemente de suas condições, possam participar das experiências cotidianas e construir aprendizagens significativas. Nesse processo, o professor da Educação Infantil ocupa uma posição central, pois é ele quem observa, compreende e responde às necessidades individuais de cada criança, criando condições para que todas se sintam pertencentes e reconhecidas em suas singularidades. Essa prática requer não apenas formação teórica e sensibilidade pedagógica, mas também tempo, escuta e apoio coletivo.

O ACOLHIMENTO DO EDUCADOR: CUIDAR DE QUEM CUIDA

Contudo, a realidade mostra que o educador da primeira infância muitas vezes precisa lidar com essas múltiplas exigências em condições que nem sempre favorecem o desenvolvimento pleno de seu trabalho. As demandas emocionais e físicas decorrentes do cuidado direto como alimentar, trocar, acalmar e acolher somam-se às exigências pedagógicas e administrativas, tornando o cotidiano docente desafiador e, por vezes, exaustivo. O professor precisa estar atento a tudo: ao choro, à interação, à brincadeira, à segurança física, às expressões corporais e às manifestações de aprendizagem das crianças. Esse olhar integral sobre o grupo exige energia constante e uma presença emocional quase ininterrupta.

Segundo Vasconcelos (2025) explica que,

O trabalho docente, no geral, requer do professor dinamismo em sua prática, uma vez que a função de ensinar não se resume apenas ao desenvolvimento de conteúdos, envolvendo também o cuidado com a criança, com o futuro do estudante e com os sonhos que ele carrega. Soma-se a isso a quantidade de serviço que esse trabalho exige do professor, que extrapola o período dele na escola. Ademais, em casa, esse profissional tem suas próprias demandas, as quais se somam às demandas da escola.

Dessa forma, a docência na Educação Infantil ultrapassa os limites do trabalho técnico e assume um caráter profundamente humano e relacional. O professor se transforma em um articulador de experiências e emoções, um mediador entre o mundo interno da criança e o universo cultural e social que a cerca. Sua função é possibilitar vivências que favoreçam o desenvolvimento integral, respeitando os tempos e ritmos de cada

criança, e criando oportunidades de descobertas e aprendizagens por meio da brincadeira, da interação e do diálogo.
Entretanto, é necessário reconhecer que o exercício dessa docência sensível e comprometida exige condições institucionais adequadas. Espaços físicos acolhedores, número reduzido de crianças por professor, momentos de planejamento coletivo e formação continuada são aspectos fundamentais para que o educador consiga exercer plenamente sua função. Quando essas condições não são asseguradas, o risco de sobrecarga física e emocional aumenta, comprometendo não apenas a saúde do docente, mas também a qualidade do atendimento oferecido às crianças.
Além disso, a valorização do professor da Educação Infantil ainda é um desafio a ser enfrentado. Embora sua atuação seja decisiva nos primeiros anos da vida escolar, muitos profissionais enfrentam baixos salários, falta de reconhecimento social e escassas oportunidades de progressão na carreira. Como apontam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), a formação continuada deve ser entendida como um direito do professor e uma necessidade institucional, pois somente por meio da reflexão crítica sobre sua prática é possível ressignificar o trabalho cotidiano e fortalecer o vínculo entre cuidar e educar.

CAMINHOS PARA UMA CULTURA DE CUIDADO E ACOLHIMENTO DOCENTE

Pensar em uma educação infantil inclusiva e humanizadora requer que as instituições também desenvolvam uma cultura de cuidado voltada aos seus profissionais. O que significa entender que o bem-estar do educador impacta diretamente o bem-estar das crianças e a qualidade das práticas pedagógicas. Cuidar de quem cuida é um compromisso coletivo que envolve a gestão escolar, as políticas públicas e os próprios espaços de formação e reflexão docente. De acordo com Penteado (2018)

Entendemos, que a perspectiva do cuidado docente diz respeito, ainda, a mudanças nas formas dos profissionais da saúde lidarem com a promoção da saúde e a qualidade de vida docente. A problemática das condições do trabalho docente (que impacta no processo saúde doença-cuidado do professor como condição de risco para a produção de diversas formas de prejuízos, sofrimentos, adoecimentos e comprometimentos da saúde e da qualidade de vida) engendra uma complexidade que extrapola os limites da relação professor-alunos e do processo nsino-aprendizagem que ocorrem nas situações imediatas em sala de aula, nos contextos escolares.

Nesse sentido, refletir sobre o acolhimento do educador é reconhecer que o ato de ensinar e cuidar exige não apenas preparo técnico, mas também suporte emocional e institucional. O professor da Educação Infantil, ao estar constantemente envolvido em relações de afeto e atenção com as crianças, necessita igualmente ser acolhido, escutado e reconhecido em suas necessidades e limites. Quando o ambiente de trabalho oferece espaços de diálogo, apoio entre pares e escuta sensível por parte da equipe gestora, cria-se um clima organizacional que favorece o pertencimento e o comprometimento profissional.
O acolhimento docente, portanto, deve ser entendido como parte essencial da cultura escolar. Ele não se limita a ações pontuais, mas a uma postura institucional que valoriza o professor como sujeito ativo do processo educativo, alguém que aprende, ensina, sente e transforma. Essa perspectiva amplia o entendimento de que a qualidade da Educação Infantil está diretamente relacionada à qualidade das relações entre os adultos que a constroem diariamente. Professores acolhidos tendem a acolher melhor as crianças, pois encontram na escola um espaço de confiança e respeito mútuo. Tardif (2014 p. 128) explica,

Os professores não buscam somente realizar objetivos, eles atuam, também, sobre um objeto, o objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo.

Essa afirmação de Tardif reforça a dimensão profundamente humana e relacional do trabalho docente, especialmente na Educação Infantil. O professor não atua sobre objetos inertes, mas sobre sujeitos em formação, dotados de afetos, desejos e histórias. Cada gesto, olhar ou palavra carrega um potencial educativo, sendo permeado por emoções e vínculos que constroem o cotidiano escolar. Dessa forma, é impossível dissociar o fazer pedagógico do envolvimento emocional que o sustenta.

Quando o professor é reconhecido em sua integralidade — como sujeito que também sente, se cansa e precisa ser acolhido —, o ato educativo ganha potência. O cuidado com o educador passa, portanto, a ser uma condição ética e política para a consolidação de práticas inclusivas. Um profissional que encontra apoio e reconhecimento em seu ambiente de trabalho torna-se mais disponível emocionalmente para compreender e atender às singularidades das crianças, fortalecendo o vínculo entre cuidar, educar e incluir.

Desse modo, a construção de uma cultura institucional de acolhimento ao educador deve ser compreendida como parte integrante das políticas de qualidade na Educação Infantil. Essa cultura precisa valorizar os tempos de escuta e reflexão coletiva, o diálogo entre pares e a formação continuada voltada não apenas ao aprimoramento técnico, mas também ao desenvolvimento pessoal e emocional dos profissionais. É nesse espaço de cuidado mútuo que floresce uma educação verdadeiramente humanizadora, onde todos crianças e adultos são vistos como sujeitos de direitos, dignos de atenção, respeito e afeto. Em síntese, cuidar de quem cuida é reconhecer que a essência da Educação Infantil está nas relações. Uma escola que acolhe seus educadores promove, de forma concreta, o direito das crianças a uma educação sensível, inclusiva e significativa. Afinal, o educador só consegue oferecer acolhimento

genuíno quando também é acolhido, ouvido e valorizado em sua jornada.

CONCLUSÃO

Refletir sobre o acolhimento do educador na Educação Infantil é reconhecer que o ato de cuidar e educar ultrapassa as ações direcionadas apenas às crianças. Cuidar de quem cuida é um princípio ético e pedagógico que sustenta a qualidade das relações e, consequentemente, da prática educativa. O professor da primeira infância, ao lidar diariamente com as demandas emocionais e afetivas do seu grupo, necessita também de um espaço que o acolha, o escute e o fortaleça em sua trajetória profissional.

O trabalho docente é, antes de tudo, relacional. Envolve sensibilidade, escuta e disponibilidade afetiva. Como destacam autores como Tardif e Penteado, as relações que o professor estabelece em seu cotidiano são humanas e complexas, exigindo equilíbrio entre a dimensão pessoal e a profissional. Nesse sentido, a instituição

educativa precisa assumir a corresponsabilidade pelo bem-estar do educador, criando condições para que ele possa exercer sua função com qualidade, alegria e sentido.

Garantir tempos e espaços de diálogo, promover momentos de escuta entre equipe e gestão, investir em formação continuada e valorizar o trabalho coletivo são práticas que fortalecem o vínculo entre o educador e a instituição. Uma escola que acolhe seus profissionais cria um ambiente mais humano, cooperativo e sensível às necessidades de todos professores, crianças e famílias.

O acolhimento institucional, portanto, não se restringe a gestos pontuais de gentileza, mas deve constituir-se como uma cultura de cuidado presente nas relações cotidianas e nas políticas de gestão. É por meio dessa cultura que se constrói uma Educação Infantil verdadeiramente humanizadora, capaz de promover o desenvolvimento integral das crianças e o bem-estar de quem as acompanha nesse processo.

Conclui-se, assim, que cuidar do educador é também cuidar da infância. O professor que se sente valorizado, amparado e reconhecido desenvolve uma prática mais sensível, reflexiva e acolhedora. Promover o acolhimento de quem educa é reafirmar o compromisso com uma educação pública, inclusiva e afetiva, que reconhece o ser humano em sua totalidade, seja ele criança ou

adulto.
Este artigo resulta de reflexões construídas a partir da vivência cotidiana no contexto da Educação Infantil, onde o olhar atento às relações, aos desafios e às potencialidades do educador se mostrou essencial para compreender a importância do acolhimento no ambiente escolar. A experiência prática, aliada ao estudo teórico, permitiu reconhecer que a docência na primeira infância é uma ação profundamente humana e que requer cuidado mútuo, valorização e escuta constante. Assim, reafirma- se o compromisso ético e afetivo de educar com sensibilidade, fortalecendo o vínculo entre o professor, a criança e a escola como espaço de aprendizagem e de vida.

REFERENCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 5 out. 2025.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. 3. ed.
São Paulo: Cortez, 2007.

PENTEADO, Regina Zanella. Autonomia do professor: uma perspectiva interdisciplinar para a cultura do cuidado docente. Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 234– 254, jan./mar. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/tatia/AppData/Local/Temp/MicrosoftEdgeDownloads/85b98611-bd85- 4cfd-bce-4-77ec3c0a1fe7/Dialnet-AutonomiaDoProfessor-7094122.pdf. Acesso em: 5 out. 2025.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VASCONCELOS, Sônia Clara Rodrigues. Trabalho docente e trabalho doméstico de mães professoras que atuam na Educação Infantil do município de Caldas Novas, Goiás. 2025. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2025. Disponível em: https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/4124/1/S%C3%B-4nia%20Clara%20R odrigues%20Vasconcelos.pdf. Acesso em: 05 out. 2025.